

A discussão de Gênero no cotidiano escolar: Pontes possíveis e debates necessários

Camilla Vergueiro, Ketlyn Tavares e Kênia Andrade

Duque de Caxias

2022

Camilla Vergueiro, Ketlyn Tavares e Kênia Andrade

A discussão de Gênero no cotidiano escolar: Pontes possíveis e debates necessários.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Psicologia, da
Universidade do Grande Rio Prof. José
de Souza Herdy, como requisito parcial
para a disciplina TCC2

Orientador: Flávio Lopes Guilhon

Duque de Caxias

2022

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	4
SOBRE A COLETA DE DADOS.....	7
METODOLOGIA.....	8
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	9
CONSIDERAÇÕES FINAIS	14
REFERÊNCIAS	16

INTRODUÇÃO

A questão da diversidade sexual e de gênero é um tema que demanda reflexão e pesquisa. Questões relacionadas à diversidade de gênero e sexualidade desde sempre foram um problema complexo, porém, ultimamente, se potencializaram com o avanço surpreendente das redes sociais, trazendo para o cotidiano das pessoas assuntos que estas ou ignoravam por completo ou decidiam ignorar.

Este cenário, que tem trazido para as discussões pessoas que evitam tocar na temática gênero e sexualidade, transforma em urgente e necessário a compreensão de diversas questões no que se referem à diversidade sexual e de gênero. A urgência é relacionada à integridade física, pois segundo uma reportagem de O Globo, de 17/05/2021, mais de 22 mil crimes contra a população LGBTQIA+¹ ocorreram apenas no estado do Amazonas no período de um ano. Por conta de dados e ocorrências como esta, que a compreensão da população em relação a comunidade LGTQIA+ é fundamental para que o tema possa ser discutido socialmente de modo a possibilitar a consciência das pessoas acerca destas questões. As pessoas não compreendem com clareza as ideias que envolvem gênero e sexualidade, confundem orientação sexual com escolha. Não entendem esta incompreensão como falta de conhecimento sobre o assunto. Esta falta de conhecimento sempre deve ser vista como uma doença que tem cura, e a cura é a informação e a educação. Certo é que o debate acadêmico não alcançará todas as pessoas em todos os grupos sociais, entretanto o preparo de profissionais qualificados, sejam educadoras², sejam psicólogas é fundamental para que haja influência na construção de uma sociedade onde as questões acerca da diversidade sexual e de gênero sejam tratadas com a responsabilidade que lhes cabem. As famílias precisam parar de punir os seus por conta sexualidade, mas para que isso ocorra, essas famílias precisam entender, precisam compreender, e o educador e o psicólogo são os profissionais que devem estar preparados para esta tarefa.

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) se justifica tanto pela Resolução do Conselho Federal de Psicologia (CFP) 01/1999 que em seu bojo entende que para a

¹ Sigla para designar Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, travestis, transgêneros, queer, intersexuais, assexuais e + (mais) para abrigar diversas outras classificações como pansexuais. Informações retiradas do site <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/dicas/qual-o-significado-da-sigla-lgbtqia>

² Este TCC será escrito no feminino, salvo situações específicas, por somente estar sendo escrito por mulheres.

Psicologia, a sexualidade faz parte da identidade de cada sujeito e, por isso, práticas homossexuais não constituem doença, distúrbio ou perversão quanto pela Resolução 01/2018 que transforma em norma o que se já se deve considerar prática, o direito da pessoa Transexual e Travesti, sem estigmas, estereótipos, preconceitos, sem discriminação de qualquer natureza.

Buscou-se pesquisar elementos que pudessem contribuir para a temática deste TCC, que se debruçou sobre a discussão de Gênero e Sexualidade no cotidiano escolar: pontes possíveis e debates necessários.

Muitos debates acerca dos temas gêneros e sexualidades já ocorrem, diversas autoras, como por exemplo BEAUVOIR (2008) e BUTLER (2003), já se confrontavam com os questionamentos de sua época, sua observação do cotidiano e os resultados de suas pesquisas. De acordo com autoras que serão citadas neste trabalho, com precisão pode-se dizer que tais discussões ocorrem desde o século XIX. Porém, como no caso de Beauvoir, por exemplo, esta discussão se centrava no gênero feminino e não era uma discussão existia no meio acadêmico. O que materializa um problema contemporâneo. Porém, na década de 1981, tem início uma das pandemias mais letais de história, cuja atuação se dava através do vírus HIV, que é a sigla em inglês para vírus da imunodeficiência humana, mundialmente conhecido como AIDS. Essa pandemia, levou a óbito milhares de homossexuais, a maioria homens (KAUR, 2021) o que conduziu o debate para dentro do meio acadêmico.

Assim sendo, o objetivo deste TCC foi investigar as possibilidades de se criarem as pontes para interlocução necessária entre a educação³ (nicho escolhido pelas autoras deste TCC, como significativo representante da sociedade civil) e a psicologia, considerando o ambiente escolar de ensino médio, pleno de adolescentes e professores/as, para que se possa pensar em mudanças no ensino, com vistas à compreensão dos valores relativos à diversidade e às temáticas de gênero e sexualidade. Tal compreensão passa por autores que investigam historicamente e sociologicamente as questões relacionadas à moral, à sexualidade e ao gênero.

Desta maneira, algumas etapas complementares foram seguidas para que se chegasse ao objetivo final. Cada uma destas etapas será abordada em um tópico que, considerando algumas autoras (Em destaque tem-se, Guacira Lopes Louro, Joan Scott,

³ As autoras deste TCC entendem por educação todo o complexo pedagógico que envolvem a escola na educação básica, compreendendo a comunidade escolar, conteúdos ministrados em sala de aula e até a presença do profissional de Psicologia.

Regina Facchini, e etc.), serão necessários para demonstrar a importância de uma compreender temas relacionados a gênero e sexualidade, principalmente no que se refere a preservar a integridade física e mental dos LGBTQIA+ ou até mesmo salvar suas vidas. Não é possível abordar uma temática desse alcance sem compreender a ideia de conceitos construídos. As categorias discutidas partem de uma premissa: a ideia de que não existem gênero e sexualidade pré-concebidos e que sim, resultam de uma construção social. Dessa forma, o primeiro tópico trará à tona a discussão em torno do conceito de construção. O que as autoras escolhidas querem dizer quando se utilizam do termo construção? Quais as dificuldades existentes para se criar uma ponte a fim de que educadores e psicólogos compreendam a ideia de construção social? Como abrir esta discussão sem ferir a moral individual/coletiva dos grupos sociais envolvidos no debate uma vez que este pretende ser realizado no espaço plural da escola? Para este tópico os trabalhos de Simone de Beauvoir e Judith Butler aparecem como inspirações, em grande parte sob a ótica de Guacira Lopes Louro, uma vez que as autoras deste TCC acessaram os textos daquelas autoras, porém esta última fez grande trabalho de aplicação, ignorar ou repetir o trabalho de Guacira Louro, seria retrabalho desnecessário.

Outra questão acessória e que nos leva a possíveis soluções do problema apresentado neste estudo, é compreender que a comparação, discussão e afins de autoras que se debruçam dentro do tema gênero e sexualidade não é novidade em meio acadêmico, todavia esta mesma discussão “atravessou os muros” da Universidade e chegou até as pessoas e instituições onde estas mesmas pessoas estão. Aliás, esta discussão chegou até as pessoas através de diversos meios de comunicação, dentre os quais pode-se destacar a televisão e mais recentemente a disseminação de uso de redes sociais através de smartphones promovidos pela rede mundial de computadores. Entretanto, o debate começou na Universidade e não pode ser ignorado. Algumas destas autoras constituem a base de análise para que se pudesse ser realizada esta investigação. Então neste tópico a abordagem foi construída no sentido de apresentar as autoras, discutir algumas de suas ideias e perceber como estas ideias podem ser entendidas pela comunidade escolar.

Por último e não menos importante, surgiu a necessidade de descobrir, revelar e reaplicar projetos pensados por autoras fora da área da psicologia que se debruçam sobre esta temática e tem obtido resultados expressivos. Uma importante prova de que a articulação de saberes, torna-se vital para a realização de uma imensa gama de trabalhos

acadêmicos e que podem se tornar agentes transformadores de condutas da escola, especificamente a partir do ensino médio.

A convicção é que com esta pesquisa seja possível identificar e sanar algumas dúvidas, o que já representa um grande avanço. Existem duas faces nesta discussão: a face de quem não tem a informação e a nossa – de quem tem a informação. Nós escolhemos prestar maiores esclarecimentos e convites ao debate aos que escolhem o lado oposto ao nosso, mas também queremos unir este TCC a diversos outros materiais importantes para pesquisa por parte de outros estudantes e pesquisadores.

SOBRE A COLETA DE DADOS

Para se apresentar a coleta de dados, delimitou-se que este trabalho versa sobre gênero no cotidiano escolar, a compreensão das autoras deste trabalho sobre o termo gênero é que este é “uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado”(GATES *apud* SCOTT, 1986, p.75), em outras palavras neste trabalho gênero não se refere a qualquer categoria biológica de um indivíduo embora seja qualquer papel que um ator social cumpre, ditado pela sociedade em que está colocado, baseado em seu sexo biológico.

Essa análise foi realizada como pesquisa de cunho bibliográfico, onde as soluções ou propostas ocorrerão após os trabalhos das autoras apresentadas, assim, como este estudo não se estenderá a pesquisa de campo, não foi selecionada uma escola específica. Cervo, Bervian, e Silva, (2007, p.57) demonstram pesquisa como:

uma atividade voltada para a investigação de problemas teóricos ou práticos por meio do emprego de processos científicos. Ela parte, pois, de uma dúvida ou problema e, com o uso do método científico, busca uma resposta ou solução.

Inicialmente, com o objetivo de se estruturar o trabalho e elaborar discussões do porquê não são construídas pontes ou estando construídas as pessoas decidem não atravessá-la, observou-se a necessidade da utilização de uma apuração de cunho bibliográfico, para melhor entendimento e interpretação do problema posto. O objetivo é em primeiro lugar realizar uma leitura sintópica e escolher, dentre o material separado o que deverá ser utilizado e o que não entraria, seja por discordância, seja por que seria um volume de material muito grande para se tratar neste trabalho.

Analisando diversas fontes bibliográficas, seja de autoras e autores mais renomados, quanto pesquisadores mais recentes, extraídos de locais como como scielo.com, bibliotecas e repositórios de diversas universidades brasileiras, percebeu-se que as bases para uma investigação e ou estudo posterior, onde outros temas deste TCC poderão ser ampliados e explorados e que incluirá uma pesquisa de campo, só seria possível com o conhecimento teórico e prático vivenciado pelos pesquisadores apresentados no presente estudo.

A pesquisa bibliográfica, de acordo com Cervo, Bervian, e Silva, (2007, p.60):

A pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em artigos, livros, dissertação e teses. Pode ser realizada independentemente ou como parte da pesquisa descritiva ou experimental. Em ambos os casos busca-se conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado sobre determinado assunto, tema ou problema.

Mediante o exposto, as autoras deste TCC reuniram a análise de algumas outras autoras versadas na temática gênero, sexualidade, sociedade e educação com a finalidade de trazer maior conhecimento sobre estes assuntos, até mesmo para que se possa discutir de forma consistente, tática, possíveis soluções para o problema apontado na introdução deste TCC. Esta escolha se deu por tais autoras possuírem reconhecimento internacional no que se refere aos temas tratados.

METODOLOGIA

Este TCC adotou metodologia da revisão bibliográfica, que fundamentou-se em analisar trabalhos de autoras clássicas relacionados à temática gênero e sexualidade, tais como Simone de Beauvoir (2008), Judith Butler (2003) e Guacira Lopes Louro (1995, 1997, 2003, 2008) que são consultadas e sistematicamente citadas por permitirem um levantamento histórico necessário para se compreender o tema de sexualidade e gênero, e também para se discutir as novas óticas que surgem com os movimentos feministas, incluindo nessa análise, a construção social e política da diversidade sexual e de gênero. As plataformas utilizadas foram scielo.com e os repositórios de diversas universidades onde estão alocados diversos trabalhos acadêmicos das autoras citadas neste TCC.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As autoras mais versadas na sociedade e realidade brasileira serão a base deste trabalho. Portanto, os trabalhos de Guacira Lopes Louro, sendo analisados por outros trabalhos de igual importância como o de Joan Scott, Jaqueline de Jesus e outras autoras que, sendo estudadas, se coadunam com a proposta deste trabalho, como por exemplo, Claudia Vianna e Sandra Unbehaum, acerca de políticas públicas voltadas para questões de diversidade sexual e de gênero.

Discutir categorias de gênero e sexualidade trazem à tona temas que são comuns a autoras fora da psicologia, porém, que se ocupam destes como autoras dentro da psicologia. Esta temática se faz necessária não apenas pelas supostas novas perspectivas como, por exemplo, gênero fluído, não-binarismo e afins, mas antes e acima de tudo para propor uma discussão sobre a construção dos papéis sociais do que é ser homem e ser mulher em nossa sociedade. Interpretações presentes em Scott, Butler, Dinis e outras que surgirão nestas páginas.

Em termos teóricos, os trabalhos de Guacira Lopes Louro (1995, 1997, 2008; LOURO e SILVA, 2003), como já dito, servirão de estrutura. Esta autora sustenta suas pesquisas e argumentações em cima do ponto de partida desta pesquisa: a construção social da diversidade sexual e de gênero. A proposta desta pesquisa, feita por estas autoras, enfoca que não se deve ignorar o corpo biológico envolvido nas análises, mas que as categorias de diversidade sexual e de gênero são muitos mais próximas de uma construção ou de interpretação de papéis que, de fato, uma condição determinada pela existência do órgão sexual. O que se pode observar, diretamente em Louro:

Dentre essas diferentes perspectivas, surge o conceito de gênero, referindo-se à construção social e histórica dos sexos, ou seja, buscando acentuar o caráter social das distinções baseadas no sexo. Num primeiro momento, as feministas anglo-saxãs que passam a empregar o conceito têm como alvo os partidários das interpretações biologistas, aqueles que atribuem às diferenças biológicas as distinções sociais, ou melhor, que ancoram na biologia os arranjos sociais desiguais e hierarquizados de homens e mulheres. (LOURO, 1995, p.103)

Estas abordagens são estruturadas em outra autora influente, Judith Butler (2003), que pavimentou o caminho da compreensão acerca da construção social da diversidade

sexual e de gênero. As novas críticas incentivadas pelo trabalho de Butler são analisadas com mais detalhamento, críticas e reinterpretações por estes dois autores, dando os contornos ao caminho que esta pesquisa pretende seguir. Para elucidar ao público comum as questões relativas à diversidade sexual e de gênero, construindo pontes e debates possíveis, o tema principal, gênero e sexualidade no cotidiano da sociedade, precisa estar presente, nítido, dentro da proposta deste trabalho e dessa forma, as autoras escolhidas o fazem perfeitamente.

Apesar de ser estruturar em torno de trabalhos de mulheres pesquisadoras, existe a necessidade de se destacar o trabalho do filósofo Michel Foucault e do sociólogo Max Weber. Além de escrever uma obra densa sobre sexualidade, Foucault discute um ponto interessante desta pesquisa, a moral. A construção de práticas sociais baseadas na moral é o ponto importante em nossa sociedade, uma vez que associada a questões religiosas, constroem as práticas sociais cotidianas. Weber analisa precisamente a moral relacionando ela a religião protestante. O gênero é uma construção social, como afirmou Scott (1996) e as autoras deste TCC consideram que sim, compreender a moral é o ponto fundamental desta análise.

Logo em seu primeiro capítulo do volume de 1 de História da Sexualidade, Foucault questiona a sujeição à hipocrisia do regime vitoriano. Apontando que “no início do século XVII ainda vigorava certa franqueza”(FOUCAULT, 1988, p.9). Esta afirmação elenca que houve entre os séculos XVII e XVIII uma alteração moral que escondeu práticas que pouco tempo antes eram socialmente aceitas. Ainda hoje há aqueles que se pegam surpresos com a alteração moral da década de 70 e 80 para a atualidade, sejam os que pregam que havia mais ordem e decência e os que acreditam que o mundo era mais permissivo. O que Foucault sutilmente expõe é que a moral muda. Como mudou.

A questão de mudança de moral no contexto apontado por Foucault pode ser associada a outro pensador. Max Weber (2004), quando discute o surgimento e crescimento do *ethos* protestante ou ascetismo laico, apontando o crescimento de um protestantismo burguês de capitalistas ricos ligados a fé religiosa cristã de origem protestante. Estes assumem um estilo de vida asceta, “fugindo” dos prazeres pecaminosos. Weber escolheu enxergar a associação disso com o crescimento do capitalismo, Foucault preferiu entender como a alteração moral que, provocada por uma burguesia hipócrita, preferiu continuar sua busca por prazer só que de forma escondida. Interessante considerar este marco moral novo na história da humanidade. A partir dele

as questões que envolvem a sexualidade e gênero tornam-se cruciais dentro da sociedade ocidental.

Este seria o pontapé de uma boa abordagem. Entender as alterações morais que de tempos em tempo ocorrem nas sociedades. Entender que a partir do século XIX o recato sexual e os comportamentos rigorosos do cristianismo protestante teriam o poder de impedir que a moral se renovasse e se alterasse, como sempre ocorreu. Porém no início do século XX ocorreram mudanças significativas. Neste novo século, a moral cristã ocidental foi confrontada pelo surgimento de uma reviravolta inesperada: o sufragismo feminino. Que empoderou mulheres e lançou a discussão feminista no mundo:

Na virada do século, as manifestações contra a discriminação feminina adquiriram uma visibilidade e uma expressividade maior no chamado "sufragismo", ou seja, no movimento voltado para estender o direito do voto às mulheres. Com uma amplitude inusitada, alastrando-se por vários países ocidentais (ainda que com força e resultados desiguais), o sufragismo passou a ser reconhecido, posteriormente, como a "primeira onda" do feminismo (LOURO, 1997, p.14).

Considerando a mesma linha de pensamento e para ajudar no processo de compreensão da importância, surge o movimento feminista do sufragismo. Para que possamos avançar na questão da diversidade sexual e de gênero, algumas linhas de Judith Butler, em Problemas de Gênero (BUTLER, 2003) afirmam que:

Para a teoria feminista, o desenvolvimento de uma linguagem capaz de representá-las completa ou adequadamente pareceu necessário, a fim de promover a visibilidade política das mulheres. Isso parecia obviamente importante, considerando a condição cultural difusa na qual a vida das mulheres era mal representada ou simplesmente não representada (2003, p.18)

A partir daí surgem questionamentos acerca de tópicos além da sexualidade. Discute-se a partir de então, a diversidade sexual e o gênero. Isto em princípio, gerou diversas confusões de compreensão da palavra gênero.

Na sua utilização mais simples "gênero" é sinônimo de "mulheres". Os livros e artigos de todos os tipos que tinham como tema a história das mulheres substituíram, nos últimos anos, nos seus títulos o termo "mulheres" por "gênero" (SCOTT, 1986, p. 75).

Importante apontar que além de gênero não ser sinônimo de mulher, gênero também é uma categoria de análise social. "Sexo é biológico, gênero é social, construído

pelas diferentes culturas” (JESUS, 2012, p.8). Porém, como aponta Louro (1997), é importante não permitir que o gênero caia numa discussão vazia onde se afirme o gênero, abandone ou ignore o fato de que este recai sobre um corpo sexual.

não há, contudo, a pretensão de negar que o gênero se constitui com ou sobre corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas. (LOURO, 1997, p.22)

Para que o desejo, talvez objetivo deste trabalho, seja alcançado, é importante compreender que em primeiro lugar, não existem obviedades. Os contextos de educação e família, somados aos espaços escolares, seus profissionais e a construção da moral como um todo dentro de um determinado grupo social não estão esclarecidas.

Categorias como cisgênero, transgênero, ou gênero fluído e classificações de ordem sexual como gay ou lésbicas são desconhecidas ou mal compreendidas pelas pessoas. Acontece que a segunda questão existe, que é a necessidade de que essas pessoas compreendam pelo menos em parte tais classificações.

Este trabalho se justifica por sua intenção de compreender porque as categorias relacionadas ao gênero e sexualidade são abordadas com tanto preconceito e estigma não obstante a existência de legislação e resoluções específicas criminalizando tal prática. De certa forma, a mesma moral que silenciou a população sexo-diversa ao longo da história, com especial enquadramento promovido pela disseminação do monoteísmo, molda ou tenta moldar os corpos sexuais, e determinar regras de gênero e sexualidade.

Estabelecidas as questões que nortearão esta pesquisa, se faz necessário, compreender todas as perspectivas que este trabalho apontará em termos de gênero, sexualidade e afins.

Utilizando o trabalho de Jaqueline De Jesus, tem-se:

Gênero se refere a formas de se identificar e ser identificada como homem ou como mulher. Orientação sexual se refere à atração afetivossexual por alguém de algum/ns gênero/s. Uma dimensão não depende da outra, não há uma norma de orientação sexual em função do gênero das pessoas, assim, nem todo homem e mulher é “naturalmente” heterossexual (JESUS, 2012, p.12).

E em Dinis tem-se:

Porém, sexo, gênero e sexualidade são coisas diferentes. Uma das formas de entendermos esses conceitos é pensar que sexo não é o mesmo que ser masculino ou feminino, nem determina as práticas sexuais de uma pessoa, apenas remete às representações que construímos sobre as características

anatômico-fisiológicas que definem o fato de uma pessoa ser considerada macho ou fêmea na espécie humana (DINIS, 2013, p.126)

E Também em Scott:

Na sua utilização mais recente, o termo "gênero" parece ter feito sua aparição inicial entre as feministas americanas, que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como "sexo" ou "diferença sexual". O termo "gênero" enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade (SCOTT, 1986, p.72)

Este último é tratado por Louro (1997, p.21) como um “uma ferramenta analítica que é, ao mesmo tempo, uma ferramenta política”. Percebe-se então que há uma nitidez no que tange às palavras sexualidade e gênero.

Para pesquisadores e pesquisadoras de gênero e sexualidade, no entendimento destas autoras, esta temática é de fácil compreensão. Mas, esta suposta facilidade, baseada nas questões morais existentes na sociedade, cria um grande problema que é como levar este conhecimento à comunidade escolar. Como educadores e psicólogos podem levar este conhecimento ao ambiente escolar que abrange equipe pedagógica, administrativa, corpo docente, corpo discente e os responsáveis, sem ferir a moral que foi discutida acima?

A falta de conhecimento aflora onde o conhecimento e a educação ou não chegam ou fracassam. A falta de conhecimento, associada a pessoas mais indoutas, está igualmente presente em pessoas portadoras de diplomas, frequentadoras do ambiente escolar. Como afirma Guacira Lopes Louro, no capítulo 3 de Gênero, sexualidade e educação “*diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso.*”(LOURO, 1997, p. 57).

A questão que perpassa é que esta falta de conhecimento, de forma específica, põe em risco a integridade física de estudantes e até suas próprias vidas. Percebe-se então que este tema deve ser amplamente discutido dentro do contexto escolar, de forma exaustiva, aos profissionais e aos responsáveis. A forma: palestras com personalidades, com especialistas, minicursos, campanhas.

Não que a escola seja o único lugar onde gênero, perspectivas de gênero e sexualidade serão ensinados, discutidos e todos os problemas resolvidos. Como se pode ler em Gênero e Sexualidade: pedagogias contemporâneas:

A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é

empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo. (LOURO, 2008. P.18)

Mas, existe uma compreensão das autoras deste TCC que a escola também deve fazer parte desse processo e estas mesmas autoras igualmente entendem que a escola deve buscar estar entre as instituições que mais debatem, ensinam e corrigem a falta de conhecimento no que se refere a questões de gênero e sexualidade. Gênero e sexualidade constituem o processo de construção de identidade do indivíduo. Alguns indivíduos, como afirma Guacira Louro (1997), preferem à margem de identitarismos de ordem binária. Os binômios homem/mulher não os comporta e nisso não há discussão. Todavia, a forma como isso tangencia a família e as consequências ao se chocar, moral, religião e identidade podem ter na vida deste indivíduo, consequências desastrosas e, diga-se de passagem, chamou a atenção e tornou-se este trabalho. Em outro lugar Louro afirma:

Os sentidos precisam estar afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer cotidiano escolar. (LOURO, 1997, p. 59)

A escola não pode ser mais o espaço que produz machismo, misoginia, homofobia, transfobia e afins. A escola, que foi o ambiente onde se reproduzia preconceitos que “caminhavam” pela sociedade, pode agora ser o espaço onde estes mesmos preconceitos encontrem seu fim. O único lugar? Não. Um lugar fundamental? Sim.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As conclusões que decorrerem deste trabalho, desenvolvido pelas autoras, não significarão um esvaziamento dos problemas já citados, como por exemplo a violência doméstica contra população LGBTQIA+ ou até a exclusão social promovida por pessoas do cotidiano destes indivíduos, dentre diversos outros problemas que podem inclusive culminar com a exterminação destas vidas. Ao contrário, novos problemas surgirão que não foram debatidos por desviarem do objetivo deste estudo, assim a intenção deste Trabalho de Conclusão de Curso foi discutir questões relacionadas à diversidade sexual e de gênero. De forma específica, a tônica foi repensar ou talvez “co-pensar” a temática

de gênero e sexualidade em ambientes escolares, pois estes espaços além de reproduzirem todo tipo de preconceito também produzem posturas potencialmente perigosas a indivíduos pertencentes à comunidade sexo-diversa.

A compreensão foi de que a Academia produz material que permite diversas discussões relacionadas à temática proposta, porém, esse conhecimento que funciona dentro da Universidade, e que lida com termos e temas complexos, tais como cis gêneros, transgêneros, não binarismos, gêneros fluidos, dentre muitos outros termos, ainda que façam parte do cotidiano de jovens e adolescentes em idade escolar, não faz parte do vocabulário e nem do conhecimento dos pais, familiares e responsáveis destes jovens, o que ao fim e ao cabo gera conflitos e situações extremas que podem comprometer a integridade física e mental destes jovens e adolescentes permanentemente.

Muitas destas posturas de pais, familiares e responsáveis estão sob influência de uma construção moral religiosa fortemente conectada com as raízes da sociedade brasileira. Porém, como visto em reportagem citada, essa disseminação religiosa, não protege os jovens LGBTQIA+, pois somente no Amazonas, em um ano, houveram 22 mil mortes contra esta população. Então, uma compreensão das autoras deste TCC é que a atuação deve ser concentrada no ambiente escolar, cuja compreensão como local de respeito às diferenças é fundamental. Assim como o entendimento de que falar de escola não é apenas pensar em alunos/as, mas em toda a gama de indivíduos que nela convergem: as famílias, os professores, os pedagogos, a administração e a manutenção.

As resoluções específicas do Conselho Federal de Psicologia de 01/1999 e de 01/2018, são taxativas em seu teor no que se refere a atuação do profissional psicólogo/a diante de situações relacionadas à gênero e sexualidade. Ata-se então o ponto anterior a este. Sendo a escola o espaço onde as questões relacionadas a pessoas pertencentes ao grupo LGBTQIA+ também se desenrolam, sendo o psicólogo e o educador os profissionais qualificados para lidarem com as questões de gênero e sexualidade, entende-se que a presença do psicólogo e da comunidade escolar e a existência de projetos que tangenciem ou abordem diretamente o gênero, além da já esperada presença do professor, sejam presenças constantes dentro do ambiente escolar. Uma vez que preconceito se combate com conhecimento e acesso à informação.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, S. DE. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2008. v. 1
- BUTLER, J. P. **Problemas de Gênero – Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2003.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução CFP 01/1999. Resolução-CFP-01-1999**.pdf. . 22 mar. 1999.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução CFP 01/2018. Resolução-CFP-01-2018**.pdf. . 29 jan. 2018.
- DINIS, N. F. **Revisitando o binômio sexo-gênero**. Revista Ártemis, v. 15, n. 1, 2013.
- HITOTUZI, B. **Em um ano, mais de 22 mil crimes contra população LGBTQIA+ foram registrados no Amazonas**. G1, 17 maio 2021.
- JESUS, J. G. DE. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. 2. ed. Brasília: Escritório de Direitos Autorais da Fundação Biblioteca Nacional –, 2012.
- KAUR, H. **Há 40 anos, primeiros casos de Aids eram relatados nos EUA**. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/ha-40-anos-primeiros-casos-de-aids-eram-relatados-nos-eua/>>. Acesso em: 25 abr. 2022.
- LOURO, G. L. **Gênero, História e Educação: construção e desconstrução**. Educação & Realidade, v. 20, n. 2, p. 101–132, 1995.
- LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1997.
- LOURO, G. L. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. Pro-Posições, v. 19, n. 2, p. 17–23, ago. 2008.
- LOURO, G. L.; SILVA, T. T. DA. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003.
- SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Revista Educação & Realidade, v. 20, n. 2, p. 71–99, 1986.